

II Hesitação

Pablo Simpson

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SIMPSON, P. Hesitação. In: *Rastro, hesitação e memória: o tempo na poesia de Yves Bonnefoy* [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2016, pp. 197-204. ISBN 978-85-6833-472-0. Available from: doi: [10.7476/9788568334720](https://doi.org/10.7476/9788568334720). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/2463f/epub/simpson-9788568334720.epub>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

II HESITAÇÃO

A meio caminho de um ensaio sobre Roland Barthes, chamado “*Le Degré zéro de l’écriture et la question de la poésie*”, publicado em 2001, Yves Bonnefoy traz uma sugestão sobre a noção de “hesitação”. Hesitação da folha, no tempo de sua queda. Seria um fragmento de “duração”, mas tampouco um fragmento, indicando um “mundo que nos envolve”, “presença indecomposta”:

[...] Mais voici que votre regard rencontre une feuille qui s’est détachée d’une branche et, comme hésitante, descend lentement vers le sol, où elle se perdra dans de hautes herbes. Hésitante dans la lumière. À un instant quasi immobile, par l’effet sans doute d’un peu de brise. Hésitante, et de par cette indécision, cette lenteur, changeant la nature du temps comme nous le vivons quand nous agissons ou observons des actions. Le temps de cette feuille qui tombe, ce n’est plus ce qui va, si rapidement toujours, d’un point à un autre sur les cadrans. C’est quelque chose dont on ne sait plus le commencement, dont on ne pressent pas la fin. C’est un fragment de durée, mais ce n’est plus un fragment. Disons que c’est un instant. Moins l’équivalent d’un point sur une ligne que l’oubli de la ligne et de ses points. Disons même: moins une partie que le tout, ce tout étant le monde qui nous entoure, et dont rien ne montre qu’il soit plus ou moins, ou autre, que la feuille qui si dissipe dans son sein qui n’est pas l’espace: en cet instant, en effet, il n’y a plus sous nos yeux qu’une seule grande présence, présence indécomposée,

indéfaite, là où auparavant il y avait entre les choses et nous tant de pensées, tant de soucis, pour nous empêcher de prendre conscience de cette unité sous le multiple. (Barthes, p.12) [(...) Mas eis que seu olhar encontra uma folha que se desprende de um galho e, como que hesitante, desce lentamente até o chão, onde se perderá no mato alto. Hesitante na luz. Num instante quase imóvel, pelo efeito sem dúvida de um pouco de brisa. Hesitante, e por essa indecisão, por essa lentidão, mudando a natureza do tempo como nós o vivemos quando agimos ou observamos ações. O tempo dessa folha que cai não é mais o que vai, sempre tão rapidamente, de um ponto a outro dos mostradores do relógio. É algo de cujo começo não sabemos mais, cujo fim não pressentimos. É um fragmento de duração, mas não é mais um fragmento. Digamos que é um instante. Menos o equivalente de um ponto na linha do que o esquecimento da linha e de seus pontos. Digamos até: menos uma parte do que o todo, com esse todo sendo o mundo que nos cerca, e do qual nada nos mostra que seja menos ou mais, ou outro, do que a folha que se dissipa em seu seio que não é o espaço: nesse instante, de fato, não há mais sob nós olhos do que uma grande e única presença, presença indecomposta, indesfeita, lá onde antes havia entre as coisas e nós tantos pensamentos, tantas preocupações, para nos impedir de tomar consciência dessa unidade sob o múltiplo.]

A imagem não é o equivalente do desmoronamento de uma pedra, de um grito ou de um passo, como na noite de “Les tombeaux de Ravenne”. Não se trata da presença imediata da morte, da voz ou da pedra, contra a escrita: signos exteriores, rastros em que a dialética da precariedade e da permanência, da inscrição difusa e de um tempo que deveria ser transmitido como experiência autêntica, testemunhado, se fazia índice da poesia. Yves Bonnefoy, nesse ensaio consagrado a Roland Barthes, pede outro gesto: que se observe a hesitação de uma folha. Trata-se do tempo de sua queda, sem início e fim determinados. Ela cai, “folha que se dissipa em seu seio e que não é espaço”, durando contra o tempo de “tantos pensamentos, tantas preocupações”. A hesitação, que será um dos índices da

angústia em *L'Arrière-pays*, diante das encruzilhadas, apagaria, ela mesma, a consciência angustiada, em busca de uma outra consciência. Gesto e abertura a uma presença “sem partes”, uno ou unidade sob o múltiplo, como na última frase do fragmento.

Marcada por uma dialética frequente à sua ensaística, no momento em que representaria, ainda uma vez, essas coisas “que o conceito não encara” – o imediato que referia em Kierkegaard – o movimento da folha aponta para um instante. É o momento contínuo de sua queda, ao acaso. Não será, de fato, o ruído, o “éclatement”, o estouro de um clarão em *Douve*, o grito da beleza em *Hier régnant désert*. É o tempo do olhar. Há um instante de indecisão, de lentidão, “indécision, lenteur”, apreendido por uma escrita que se dilata também aos olhos do leitor, mesmo diante de um ensaio crítico. O imediato da primeira poesia de Yves Bonnefoy se amplia em direção a um outro sentido. Daí talvez o termo “durée”/“duração”, um fragmento que se torna indecomposto, no momento da hesitação: “hesitante na luz”. Há um começo desconhecido e um fim imprevisto para esse movimento da folha, indicando talvez os caminhos que se buscaram no diálogo com Marcel Proust. Suspensão, no entanto, em direção a uma presença que é o esquecimento das linhas e dos pontos. O poeta afirmaria em *L'Arrière-pays* que é na “duração” que se libera talvez uma sabedoria do eterno. Ela é “menos uma parte do que o todo”. Momento que pretende como o da poesia, estabelecendo aí uma distância essencial com relação a Roland Barthes, num modo de entendê-la como um alargamento da sensibilidade diante da ciência e da linguagem. Contra a crítica estruturalista que assumiria a escrita como “articulação dos efeitos da língua e daqueles que manifestam o estilo”, Yves Bonnefoy responde com uma formulação cujo estatuto se situa a partir de dois momentos. O primeiro deles é que, para o poeta, a escrita não pode mais ser pensada, depois de Freud, como ato consciente. Opera por determinações de que nada se sabe. Há uma profundidade do ser psíquico que é diferente de assumir o trabalho literário apenas como linguagem.

Qu'est-ce, en effet, qui se passe au juste au fond de ce qu'on appelle le "moi", ce rapport à soi dont le "style" serait la présence dans l'œuvre? Ne faut-il pas concevoir qu'il y a des événements dans la profondeur du psychisme qui expliqueraient autrement que par la structure sociale l'origine de la décision d'écrire quand celle-ci, par exemple, prend le tour violent et bouleversant qui caractérise certains œuvres? (*Barthes*, p.9) [O que, de fato, se passa justo no fundo do que chamamos "eu", essa relação a si cujo "estilo" seria a presença na obra? Não deveríamos conceber que há acontecimentos na profundidade do psiquismo que explicariam de outro modo que não pela estrutura social a origem da decisão de escrever quando esta, por exemplo, adquire o sentido violento e perturbador que caracteriza certas obras?]

Pergunta-se, desse modo, por aquilo que se passa no "fundo do eu". A ideia de um outro lugar do desejo, mas de um "eu" que hesita, igualmente, entre as suas diversas manifestações na escrita literária, torna-se o centro dessa leitura. Como em *L'Arrière-pays*, o "eu" se abre a essa "origem da decisão de escrever". A noção de hesitação apontaria para uma "profundidade" que é a tensão do tempo na escrita e na arte. A ideia de um outro território da consciência traria a coexistência de dois graus, dois "eus", talvez como em Henri Bergson: "eu social" e "eu profundo". A necessidade de estabelecer uma escuta da "terra distante" permitiria ao poeta divisar uma profundidade – o adjetivo "profond" será um dos mais empregados em toda a obra de Yves Bonnefoy – como instância diferente daquela que exerce o controle habitual sobre nossas representações. Trata-se de uma instância mais flexível na tolerância que manifestaria com relação ao deslizamento potencial da identidade, abrindo-se ao sonho/"rêve", termo de que se serviria para definir os diversos conjuntos de narrativas que publicaria a partir dos anos 1970. Sonho que é uma linguagem, como afirmaria em "Sept feux": "je rêve – et le rêve n'est que ces mots"/"eu sonho – e o sonho é só essas palavras". E que permite um diálogo com a herança surrealista, ao conjugar-se com a noção de acaso. Mas que não será apenas o

“acaso objetivo”, a coincidência, como um desvelamento do destino: o encontro, por exemplo, com uma mulher, em *Nadja* de André Breton, e que faria da cidade, no surrealismo, esse lugar privilegiado dos encontros e da literatura. Tal mundo inconsciente, diante do acaso, tomando de empréstimo as palavras de Yves Bonnefoy,

[...] *revient* comme présence seconde, restructurée par de l’inconnu, mais vivante et en rapport plus intérieur avec moi. [...] (AP, p.30) [(...) *retorna* como presença segunda, reestruturada pelo desconhecido, mas viva e em relação mais interior comigo.]

A fascinação que exerce o “arrière-pays” traria a possibilidade de um outro lugar para esse “eu”. Esse é o segundo caminho que se poderia opor a Roland Barthes. Há um “rapport à soi” pretendido por Yves Bonnefoy que é a experiência do escritor: “o autor do poema conta, sua vida importa”. A poesia não é o termo de um aprendizado, mas, a cada instante, “o que aceitamos ou recusamos”. Daí uma outra categoria de autor em tensão permanente com a sua existência de indivíduo.

Cette sorte d’auteur ne fait corps avec sa création que de façon ambiguë, il y consent mais il la refuse, il lui fait confiance puis il la juge, il la quitte sans cesse et il y revient dans une dialectique où son existence d’individu n’a certes pas le peu de valeur qu’offre pour la critique celle d’autres auteurs attachés à des œuvres non poétiques. (Barthes, p.20) [Esse tipo de autor não faz corpo com sua criação senão de maneira ambígua, consente a ela mas a recusa, confia nela e em seguida a julga, deixa-a sem cessar e retorna a ela numa dialética onde sua existência de indivíduo não tem, certamente, o pouco valor que possui para a crítica aquela de outros autores ligados a obras não poéticas.]

Com suas palavras, o autor faz “corpo com sua criação de maneira ambígua”. Há certos acontecimentos “da profundidade de sua existência” que permeariam o texto poético. A poesia desvelaria um “fundo”, para Yves Bonnefoy. Trata-se, de algum modo, da mesma dialética que se buscou explicitar nos estudos anteriores,

indo em direção ao que excede a significação, duplicidade entre “aqui” e “lá”: no som da poesia, portanto, que “desconceitualiza”, na abertura ao imediato, ao mistério, a um sentido da finitude “de que é incapaz o pensamento conceitual”.

Tais lugares da dialética do rastro encontram na hesitação, no entanto, um certo caminho da autoria. Ela faria coincidir uma categoria crítica, a poesia e uma proposição sobre o “eu” que escreve diante desses signos esquivos, como a folha que cai. Hesitação da folha e do “eu”. Incide, duplamente, sobre um olhar que é capaz de interromper-se, como diante das obras de arte e dos livros que estarão em *L’Arrière-pays*, e sobre um “eu” que põe a si mesmo em suspenso em face da experiência e da autoria do texto poético. Trata-se do texto, do próprio texto, mas também do texto de um outro: os livros lidos na infância, os livros que tentou escrever, as personagens descritas, as paisagens contempladas ou as obras de arte trazidas à escrita, com uma atenção e minúcia críticas constitutivas senão desse outro tempo. Há um narrador que hesita diante do sonho, que é um modo da escrita poética, mas que visa a sua compreensão através do próprio texto. Traz, assim, uma reflexão crítica, um *post-scriptum*, que é como um outro lugar da experiência, diferentemente de Nerval, em que esse lugar se acercava de um projeto analítico, de uma via de restituição do sonho. Não se trata, para Yves Bonnefoy, apenas de um “vivido onírico”. A isso se retornará mais adiante. A “evidência de um ensinamento simbólico”, diante da suspensão do “olhar” que encontra a folha, expõe o texto poético a um “eu” que se pretenderá presente em suas contradições e hesitações. É ele que estará em face da terra estrangeira de *L’Arrière-pays*, observando labirintos como aqueles que estão na paisagem atrás de Battista Sforza e Federico de Montefeltro no díp-tico de Piero della Francesca da Galleria degli Uffizi. Constituem um campo onde será preciso decidir e pôr em questão cada decisão. Talvez porque não exista, nos labirintos, a possibilidade de um julgamento totalizador.

A que se poderia somar uma outra questão. A terra estrangeira que está em *L’Arrière-pays*, desde a sua epígrafe de Plotino, nesse

conflito entre dois lugares, despertaria um tempo que, desde então, não poderá mais ser vivido. Esse é o tempo, para Yves Bonnefoy, também da escrita. A abertura a um pensamento da “duração” indicaria uma temporalidade, no aqui de nossa condição, insuficiente para abarcar a virtualidade infinita do mundo e das decisões. Como na alegoria final da salamandra, que repõe o estatuto da mobilidade e da imobilidade de Douve, trata-se da hesitação como surpresa e recusa corporal, diante da morte e do outro. Em *Anti-Platon*, a imagem da hesitação já oscilava entre os lugares da consciência e da inconsciência, também simulacros – termo, mais tarde, abandonado pela poesia de Yves Bonnefoy – jogo de imagens, projeção de uma mulher como alteridade, antecipando *Douve*, e obra artística: feita de cera.

Quel sens prêter à cela: un homme forme de cire et de couleurs le simulacre d'une femme, le pare de toutes les ressemblances, l'oblige à vivre, lui donne par un jeu d'éclairages savant cette hésitation même au bord du mouvement qu'exprime aussi le sourire. (*Anti-Platon*, p.35) [Que sentido dar a isso: um homem forma com cera e cores o simulacro de uma mulher, enfeita-a com todas as semelhanças, obriga-a a viver, dá-lhe por um jogo erudito de iluminações essa hesitação mesma à beira do movimento que o sorriso também exprime.]

A hesitação traria, portanto, uma outra questão “à beira do movimento”, para dizer “à beira do tempo”. Responderia à necessidade de pensar os lugares da errância, do deserto, do labirinto, da viagem, da encruzilhada, do sonho, como lugares em que a consciência se surpreende e em que o tempo assume uma outra dialética: da indecisão e da decisão. Indica-se, além disso, um estatuto da autoria em tensão permanente com o registro autobiográfico das “narrativas em sonho” e com um lugar da experiência certamente elíptico, em que o próprio acontecimento é perpassado por outras leituras, por sonhos, por imagens, por brancos, como se poderá observar em “L'Égypte”, mas também por um limiar que, em *Dans le leurre*

du seuil, é o lugar que separa a “porta fechada”, “a frase vazia” da possibilidade de “pegar um pouco de terra com as mãos”, como Nicolas Poussin ao final de *L’Arrière-pays*, para fazer germinar “o trigo das coisas do mundo”.